

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoes@ufes.br

Na viagem que fez ao Espírito Santo na segunda década do séc. XIX, francês observou uma seca severa, mas os animais podiam se refugiar na floresta

O Rio Doce em 1818

Quando se revisita a “Segunda Viagem ao Interior do Brasil: Espírito Santo” (Brasileira Eletrônica), de Auguste Saint-Hilaire, em especial sobre o Rio Doce, surpreendem quatro anotações do botânico. Despertam, passados quase 200 anos, questões instigantes sobre a seca atual.

A primeira é a seca em 1818, também em outubro. Após atravessar o Reis Magos em uma piroga (barco cedido por indígenas), indo para Aldeia Velha, Saint-Hilaire constata: “Embora estivesse a estação adiantada (16 de outubro) havia ainda uma seca extrema e eu não achei, durante toda a viagem, nenhuma planta florescente; àquele ano, os colonos queixaram-se com amargura de falta de chuva que atrasou todas as suas plantações”. Ainda não se falava “a maior seca dos ...”. A de hoje tem uma explicação diferente daquela “severa” de 1818? Ciclo natural amplificado pela morte ambiental? Destroí-se, mas se desconhece.

Na foz, o canal que o liga ao mar “muda muitas vezes de lugar”, e a sua profundidade está em torno de 1,5 metro: “mesmo nas altas marés ou durante a estação das águas ele não permite en-

trada de pequenas embarcações”.

Ao subir o rio, Saint-Hilaire relativiza com um dado a imaginação presente de rios caudalosos em tempos idos: “Toda a parte do Rio que eu percorri no primeiro dia de minha viagem não tinha mais de 3 ou 4 pés de profundidade” (1m). Eis a segunda questão: as limitações naturais foram agravadas pela destruição – levando ao filete de água de hoje?

Penúltima observação: na foz do Rio Doce, “um banco de areia [que] se prolonga obliquamente”. Saint-Hilaire realça que, ao longo do rio, havia “pequenas ilhas” cobertas de matas e não um leito que passou a ser uma estrada de terra “natural” – tão valorizada nos investimentos estaduais.

Por fim, tão ou mais contundente que a profundidade, é a secular poluição do Rio Doce. Próximo à embocadura, “seu leito, obstruído pelos resíduos das lavagens (mineração) da província de Minas, tem pouca profundidade, sobretudo no tempo da seca”; “na época das águas chegam carregadas de limo avermelhado ...”. A destruição da natureza é uma obra continuada e intensificada, faz séculos, mas não se sabe o que está por vir.

A viagem de Saint-Hilaire ao Estado precisa ser refeita para mostrar quão vergonhoso é o nosso legado para as futuras gerações. Apenas um contraste com suas narrativas saborosas: em 1818 “as florestas servem de refúgio a um grande número de animais selvagens, como veados, onças, pecaris ...”. Fim, seco.